

Novas Reflexões Sobre o “A Imaginação Econômica” de Sylvia Nasar

New Reflections on Sylvia Nasar’s “*Grand Pursuit*”

Ricardo Luis Chaves Feijó

Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto. SP, Brasil.

E-mail: riccfeij@usp.br.

Resumo

Decorrida uma década desde a publicação do livro de história do pensamento econômico da escritora Sylvia Nasar, oferece-se aqui uma avaliação do impacto da obra no ensino da disciplina em questão. Nesse sentido, o ensaio discorre a respeito do *A imaginação econômica*, em especial, comentando-se a descrição nesse oferecida, das trajetórias pessoais de grandes economistas, de fatos econômicos e sociais das respectivas épocas, e da evolução de algumas ideias-chave do pensamento econômico. Tem-se, portanto, uma nova avaliação à luz do impacto já observado da obra no debate econômico e no ensino de história do pensamento econômico (HPE) e tendo-se em conta o novo momento das economias mundiais. O artigo não se limita a fazer uma simples resenha de um livro já antigo (o que não teria muito sentido), mas trata de avaliar o impacto dessa impressionante obra historiográfica no ensino de HPE ao longo do tempo. Mostra porque o livro de Nasar não desbancou a tradicional obra de Heilbroner, *A História do Pensamento Econômico*.

Palavras-chave: Grandes Economistas. Pensamento Econômico. Ensino Universitário.

Abstract

A decade after the publication of the book on the history of economic thought by writer Sylvia Nasar, an assessment of the work's impact on the teaching of the subject in question is offered in this study. Thus, the essay discusses the book Grand Pursuits, in particular commenting on the description it offers of the personal trajectories of great economists, economic and social facts of the respective times, and the evolution of some key-ideas of economic thought. There is, therefore, a new assessment considering the impact already observed of the book on the economic debate and on the teaching of the history of economic thought (HET) and taking into account the new moment of world economies. The paper is not limited to a simple review of an old book (which would not make much sense), but it is about evaluating the impact of this impressive historiographical work on the teaching of HET over time. It shows why Nasar's book did not supersede Heilbroner's traditional work, The Worldly Philosophers.

Keywords: Great Economists. Economic thought. University Education.

1 Introdução

O livro *A imaginação econômica (Grand Pursuit: The Story of Economic Genius)*, de Sylvia Nasar (2012), uma descrição das trajetórias pessoais de grandes economistas, de fatos econômicos e sociais das respectivas épocas, e da evolução de algumas ideias-chave do pensamento econômico, teve grande impacto na época de sua publicação, em 2011, com tradução, no ano seguinte, para a língua portuguesa pela editora *Companhia das Letras*. Pela ocasião do lançamento, diversas resenhas críticas apareceram em importantes jornais e revistas especializadas, como as críticas de Pearlstein (2011) no *The Washington Post*, Fox (2011) no *The New York Times*, Gray (2011) em resenha do *New Statesman*, Lowenstein (2011) na revista *Bloomberg Businessweek*, Nersesian (2011) no periódico *New York Journal of Books* e as do célebre economista Robert Solow (2011), com suas minuciosas

considerações publicadas em longo ensaio no *The New Republic*.¹ Passada quase uma década, cabe agora uma nova avaliação à luz do impacto já observado da obra no debate econômico e no ensino de história do pensamento econômico (HPE) e tendo-se em conta o novo momento das economias mundiais.

De fato, o impacto de uma obra só pode ser avaliado com o passar dos anos. Em particular, o livro de Nasar pretende constar como referência nas disciplinas de história de pensamento econômico, concorrendo com livros-textos tradicionais no ensino dessa disciplina, como o clássico *História da análise econômica*, de Schumpeter (1964), e o *A história do pensamento econômico* de Heilbroner (1996). Faz-se, portanto, neste ensaio, uma reflexão crítica do impacto da obra e se identifica relativo fracasso em desbancar os livros concorrentes, em especial, o de Heilbroner que foi, inclusive, lançado pela mesma editora, a Simon & Schuster, que via na

1 Uma tradução da resenha de Lowenstein (2011) aparece em Costa, em seu blog *Cidadania & Cultura* (COSTA, 2011).

nova obra uma atualização da antiga e consagrada referência na disciplina. Então se torna necessária a avaliação.

O presente estudo avalia o alcance do livro de Nasar. Para tanto, não se trata de fazer uma pesquisa, em sala de aula, mas de avaliar o impacto da obra discorrendo-se sobre a história dessa, seus propósitos, bem como avaliando, pelo estudo da obra em si, seus méritos e deficiências intrínsecos. A avaliação também é feita comparando-se o livro em questão com o principal concorrente, o trabalho de Heilbroner, examinando-se, também, neste caso, os méritos próprios.

O ensaio se estrutura em uma parte de desenvolvimento, com seções sobre metodologia de avaliação, a razão da obra e comparação com a concorrência, e a parte final em que se oferece uma crítica sistemática ao *A imaginação econômica*. Por fim, uma breve seção aparece a título de conclusão do estudo.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

O artigo pretende avaliar o alcance e o impacto da obra *A Imagem Econômica* atacando as seguintes questões: a necessidade do novo livro de HPE e se os propósitos desse esforço foram alcançados. Faz-se uma comparação sistemática com o principal livro concorrente, o *A história do pensamento econômico*, de Heilbroner, mostrando-se os pontos fortes e as deficiências de cada qual ao se cotejar ambas as obras.

O segundo esforço do presente ensaio se concentra em avaliar a atualidade da obra. Note que essa foi escrita ainda sobre os impactos da crise mundial de 2008 e da visão pessimista que se propagou entre os economistas sobre a capacidade autorregulatória das economias capitalistas e de mercado. Desde então, a perspectiva dos economistas mudou um tanto, motivada pela capacidade das economias de superar o debacle financeiro. Teria a obra de Nasar resistido a essa mudança drástica de cenário? A recuperação das economias teria reforçado a visão otimista proposta no livro como um antídoto ao clima derrotista da época em que esse foi escrito? A resposta a tal questão faz parte da metodologia de avaliação da obra.

Para tanto, o ensaio está organizado em outras duas outras seções de desenvolvimento, além dessa seção metodológica: o próximo item responde à questão do que levou ao novo livro, e se esse, de fato, cumpre tais propósitos. Outra seção descreve a estrutura da obra e a compara com o livro de Heilbroner.

2.2 O que levou ao novo livro?

Em *Uma mente brilhante* (“*A Beautiful Mind*”), Nasar (2013) já tinha dedicado anos de pesquisas e entrevistas. O livro resultou no filme de mesmo nome, com os atores Russel

Crowe e Jennifer Connelly.² Após a empreitada exitosa de construir uma biografia sobre um gênio da economia, John Nash, a consagrada autora se envolveu em pesquisar a história de uma ideia: a de que a humanidade não está mais condenada pela natureza a apenas subsistir, mas pode conquistar um mundo de riquezas econômicas e de bem-estar. A descrição de como o pensamento econômico deixou de ser pessimista, essa é a história. De modo pretensioso, a ciência econômica é apresentada como a grande invenção intelectual da era moderna, que mudou a vida de cada pessoa no Planeta.

Quando a Simon & Schuster bancou o projeto do livro e convidou a talentosa escritora, a editora visava atualizar e aprofundar seu grande sucesso de 1953, o *A história do pensamento econômico* (*The Worldly Philosophers: The lives, times, and ideas of the great economic thinkers*), de Robert Heilbroner (1996).³ Certamente, o novo livro tem muito mais pesquisa histórica que o anterior. Esse conta com uma impressionante massa de documentos, entrevistas, cartas, fontes diversas que embasam o texto. Foi um esforço conjunto com diversos colaboradores e assistentes em auxílio ao trabalho principal da escritora. Sem a ampla e competente equipe de suporte, *A imaginação econômica* não teria alcançado a notável estatura.⁴

A leitura do novo livro faz retornar ao antigo livro de Heilbroner, um clássico da história do pensamento econômico, muito empregado como leitura auxiliar em cursos de HPE lecionados nas Universidades brasileiras. De fato, *A história do pensamento econômico* não é apenas um livro de leitura muito agradável, mas uma apresentação bem didática dos problemas que assolaram a mente dos economistas do século XIX e das primeiras décadas do século seguinte. A fim de contextualizá-los, o autor oferece uma concisa e poderosa retrospectiva histórica que marca o nascimento da mentalidade e das práticas capitalistas, caracterizando-o como uma revolução econômica, e do mundo da mão invisível dos mercados descrito por Adam Smith no século XVIII. Depois, posiciona, com grande precisão e acurácia, o problema localizado por Thomas Malthus e David Ricardo de que a própria natureza opera como um limite à ampliação do bem-estar econômico para as massas, quer seja a natureza humana com seu impulso irresistível à reprodução da espécie, como no primeiro autor, ou a natureza física na agricultura que, segundo Ricardo, responde ao aumento de demanda com rendimentos decrescentes (argumento também presente em Malthus).

O pessimismo associado a essa visão seria enfrentado com as esperanças trazidas pelos esquemas de construção alternativa de sociedade propostos e parcialmente implementados por socialistas utópicos como Robert Owen, na Inglaterra, com sua aldeia de cooperação experimental, e

2 O filme “Uma Mente Brilhante”, de Ron Howard, toma muitas liberdades com a vida do economista matemático, que o afasta do sujeito descrito na biografia de Sylvia Nasar em que a película se baseia.

3 Tradução literal: “Os filósofos profanos - as vidas, as épocas e as ideias de grandes pensadores da economia”.

4 Mesmo com uma grande equipe de auxiliares, o livro levou uma década para ser feito.

outros românticos que batalhavam contra o capitalismo cru, como os franceses Saint-Simon e Charles Fourier, todos eles muito bem biografados por Heilbroner. Esse autor mostra que, em que pesem os esforços teóricos e as iniciativas desses idealizadores de sociedade, eles acabariam sendo vistos apenas como visionários sonhadores, parcialmente fracassados, se não fosse a áurea de respeitabilidade conferida à tese utópica pelo maior economista da época, John Stuart Mill. Então, nesse ponto da história, Heilbroner se dedica a uma relativamente curta digressão das teses de Mill, especialmente a ideia de que as leis econômicas, de fato, aplicam-se à produção, como na avaliação dos grandes economistas que o precederam, mas que, aí reside a novidade, essas não se aplicam à distribuição de riquezas, que dependeria das instituições.

Depois de opinar sobre a fraqueza da tese de Mill, porque a distribuição pode afetar a eficiência da produção, Heilbroner termina o capítulo em questão discorrendo sobre a crítica milliana ao comunismo e a defesa da instituição da propriedade privada. Em relação ao pessimismo de Malthus e Ricardo, Stuart Mill havia injetado novas esperanças de progresso material para o povo, desacreditando a tese da pressão populacional sobre os salários, e oferecendo a visão de que a organização cooperativa dos trabalhadores levaria a Inglaterra a um estado estacionário de bem-estar social.

Em seguida, a história de Heilbroner adentra o mundo de Marx, com uma sucinta apresentação da vida dele, que hoje, diante de tão grandiosas biografias recentes, como as de Jones, Spencer e Heinrich, já não acrescenta nada de novidade. Apresenta, superficialmente, as querelas de Marx com socialistas franceses como Proudhon, e por fim culmina em um exame de *O Capital* no qual, em modelo ideal de capitalismo perfeito, apresenta-se a tese da exploração como sendo a causa da degradação da condição de vida da classe operária, em oposição às pressões puramente naturais dos esquemas teóricos anteriores dos grandes economistas. A teoria ricardiana da queda da taxa de lucro é retomada, mas agora não como uma consequência natural do esgotamento da agricultura, mas como efeito da própria competição entre capitalistas, que os obriga a crescer empreendimentos empregando mais máquinas e diminuindo a base de extração do chamada mais-valor, a verdadeira fonte dos lucros.

Tais ideias básicas, sempre apresentadas em curso de HPE que se preze, são extraordinariamente narradas no livro de Heilbroner e explicam, em parte, o sucesso da obra que se manteve por décadas. A exposição magistral continuaria depois na apresentação sucinta de autores do fim do século XIX e começo do século XX, como Francis Edgeworth, Henry George, John Hobson, com destaque para a teoria do imperialismo (depois explorada por Lenin), e culminando na contribuição de Alfred Marshall, para o qual o livro oferece uma curta exposição. O longo capítulo 8 é dedicado a Veblen, um autor que não parece merecedor de tanto espaço em livros de história do pensamento econômico, e finalmente, de uma maneira precisa e didática, o livro apresenta um resumo

das teses de John Maynard Keynes e sua visão da crise dos anos 1930, e conclui com um capítulo breve sobre Joseph Schumpeter. Eis um sumário essencial do livro de Heilbroner, que com suas deficiências e limitações oferece uma boa leitura introdutória da evolução das ideias econômicas e do embate entre os economistas com os problemas sociais de suas respectivas épocas.

Este longo resumo do primeiro sucesso da Simon & Schuster, em livro de história do pensamento econômico, serve para avaliar o que levou a mesma editora a patrocinar a iniciativa de uma nova obra sobre a mesma temática. O que a teria motivado e o que essa buscava com o novo projeto editorial? Teria a editora alcançado seu propósito com o novo livro; ele teria, de fato, superado o sucesso anterior de Heilbroner com seu *Os economistas profanos* (uma melhor tradução no lugar do pretencioso e ascético *A história do pensamento econômico*)?

Em comum com o *best-seller* dos anos 1950, o livro de Nasar não se trata de uma mera história intelectual, mas narrativa no formato de romance histórico de aventura, cuja cena inicial remete à Inglaterra vitoriana e os últimos retratos enquadram a Índia e o drama do subdesenvolvimento atual, no protagonismo final de Amartya Sen. A pesquisa é muito bem documentada, com 55 páginas de notas, em um esforço que, se tivesse de ser empreendido por um único pesquisador, levaria ainda mais anos de trabalho. Além disso, é evidente o estilo de grande escritora, que alcança a mesma carga eletrizante do escrito de Heilbroner, quando não o supera largamente.

2.3 Descrição da estrutura da obra e comparação com o livro de Heilbroner

A narrativa histórica se desdobra, literalmente, em um drama dividido em três atos: esperança, temor e confiança. Respectivamente, em termos cronológicos, o período antes da Grande Guerra de 1914-1918, o período que cobre ambas as guerras mundiais e o intervalo entre essas com a depressão econômica, e o período após o acordo de Bretton Woods. O mesmo personagem histórico pode atuar em dois atos distintos, como Keynes que aparece nos dois últimos deles. Em cada qual, a descrição não se prende apenas na história interna das ideias, e nem apenas na visão dos economistas. Um dos méritos da obra, hoje cada vez mais presente nos bons estudos em história do pensamento econômico, é relacionar as visões dos economistas com a dos autores literários das respectivas épocas. Nesse sentido, no primeiro ato a noção malthusiana de que o crescimento desenfreado da população eliminaria qualquer esperança de prosperidade para as massas é reforçada pelas descrições de miséria oferecidas nos romances de Jane Austen, Charles Dickens, Henry Mayhew e Thomas Carlyle.

Nasar começa seu drama deste ponto, ela não remete às origens da moderna economia de mercado e nem ao sistema de Adam Smith. Nesse sentido, a omissão de Adam Smith é bastante justificada, porque parte do ponto em que a visão

dos economistas é bastante pessimista, de que o povo deve se conformar com a miséria e se preocupar apenas com a sobrevivência. Essa não é a mensagem de Smith, mas a mensagem pessimista que pegou da economia do começo do século XIX, alcunhada de “*Dismal Science*”.⁵ Então não há nenhuma sobreposição com os três capítulos iniciais de Heilbroner. E pouca sobreposição de temas em relação ao capítulo 4 da antiga obra. De fato, o velho livro de história do pensamento econômico dedica-se excessivamente aos pensadores do socialismo utópico, que não se projetam propriamente como grandes economistas, mas como contestadores sociais de sucesso. O drama narrado por Nasar, acertadamente, concentra-se em grandes economistas, a escolha dos papéis é precisa. Começa já priorizando a descrição e a avaliação das teses da dupla Marx e Engels.⁶

A autora ironiza o fato de Marx destacar o papel do proletariado, do operário, sem nunca ter pisado no chão de uma fábrica, e ter vivido sempre uma vida de burguês antes de seus anos miseráveis em Londres. É interessante a maneira como Nasar identifica a origem do anticapitalismo em Marx. Na verdade, ela teria de voltar aos anos de juventude dele, principalmente, na fase da chegada a Paris, quando ocorre a conversão ao comunismo na editoria do periódico de curta duração *Anais franco-alemães*.⁷ Concentrando-se no exilado em Londres, Nasar enfatiza a reação dele diante do contraste que observa entre a enorme produção de riquezas no país mais rico do mundo na ocasião, a Inglaterra, e a imensa legião de mendigos e renegados que perambulam pelas ruas e se espremem sobrevivendo nos cubículos da capital. Eis um mundo de pouca mobilidade social e descontentamento político. Ao contrário dos grandes economistas clássicos, que viam na natureza a razão da pobreza das massas, Marx identifica na própria revolução industrial a causa da miséria humana.⁷ Nasar percebe o paradoxo de atribuir-se à poderosa máquina criadora de riquezas do capitalismo, com seus saltos imensos em produtividade, a explicação da pobreza humana. Ainda mais levando-se em conta que o padrão de vida do operário médio vinha melhorando a passos largos, desde o fim da década de 1840, quando de sua chegada a Londres. Recalcitrante e obstinado, Marx manteve sempre a interpretação crítica de que o sistema iria se colapsar em seu próprio peso.

Episódios pitorescos e folclóricos da vida de Marx são bem narrados, de modo atrativo para o leitor. Em destaque, os problemas financeiros dele e de sua família, certo comportamento imoral ao engravidar a empregada,

suas doenças, o isolamento do debate acadêmico e outras idiosincrasias pessoais. Conta, por exemplo, a reação de Marx diante da *Grande Exposição* em Londres de 1862 que a qualificou de uma “profecia do apocalipse diante de nossos olhos”, e o fracasso dele em obter um emprego em uma companhia de trem devido à letra garranchosa e sua dificuldade em falar inglês (NASAR, 2012, p.52).

De fato, a descrição do ambiente em que se movia Marx é muito mais detalhada, rica e crítica em Nasar, e ela visivelmente se valeu das novas biografias que apareceram no começo deste século. A sua avaliação é precisa, não tem a carga de engajamento disfarçado de Heilbroner, que apenas superficialmente assinala as deficiências do sistema marxiano, com aquela típica deferência que prevalecia na época da guerra fria em que o antigo livro fora escrito. Ao cabo, Nasar destaca a mensagem impactante e perene de Marx de que a ascensão social no capitalismo só poderia ser por puro acidente e em casos isolados, como o do órfão Pip do romance de Dickens, e, portanto, no sistema explorador das economias de mercado tal possibilidade não estaria disponível às massas.⁹

A aparição de Marshall, no primeiro ato, é bastante acertada, e assim Nasar corrige a injustiça de conceder ao grande economista de Cambridge meras três páginas no livro de Heilbroner, que foi bem mais generoso nas dezenas de páginas dedicadas a pensadores americanos como Veblen e Henry George, e ao economista inglês J. A. Hobson. De fato, nos cursos de HPE atuais, esses autores são bem menos estudados do que foram no passado. O livro de Nasar confirma e reforça tal tendência.

Alfred Marshall entra em cena como um brilhante matemático que da observação do funcionamento das máquinas havia percebido que o processo de competição entre empresários leva a aumento de produtividade e de uma riqueza que se espalha também para a classe operária, especialmente, favorecendo trabalhadores mais habilidosos e produtivos. A importante ideia de capital humano é incorporada, pela primeira vez, nas equações dos modelos econômicos. Se a principal causa da pobreza são os salários baixos, deve-se combatê-la investindo em capital humano de modo que o trabalhador possa ser integrado a processos produtivos, que envolvam maior eficiência técnica de fabricação. Ganhos salariais e melhoria da condição de vida viriam com aumentos de produtividade impulsionados pela pressão competitiva e melhor qualificação do trabalhador. A tese marshalliana é muito bem descrita no livro de Nasar.

Com efeito, Nasar assinala a grande contribuição de

5 Lowenstein (2011) equivocadamente critica a omissão de Smith na obra.

6 Entretanto, nota-se que, ao contrário do subtítulo do livro, “a história dos gênios da economia”, nem todos os economistas retratados são descritos como geniais. Marx, por exemplo, aparece como um economista recalcitrante que, movido pelo espírito revolucionário, não teria percebido as características essenciais de sua época. Solow (2011) comenta a respeito, escrevendo que o livro “é, em vez disso, a história da vida pública e privada de algumas das principais figuras da economia, algumas delas claramente detentoras de genialidade econômica, na maior parte do tempo, e outras claramente não, a menos que se prenda a uma noção superficial de gênio.”

7 Vide, a respeito, FEIJÓ (2019).

8 Antes de adentrar na exposição de Marx, Nasar recapitula as teses de Thomas Malthus de que o impulso à procriação condenara as massas à pobreza.

9 Conforme Lowenstein (2011), que em sua resenha cita o mesmo personagem do livro de Dickens.

Marshall em preencher uma das maiores lacunas da economia clássica, que não oferecia uma teoria satisfatória do salário. Em especial, o professor de Cambridge havia atacado a teoria do fundo de salários de Stuart Mill e o pessimismo dela quanto à possibilidade de melhorias salariais. O livro, de fato, focaliza o papel de Marshall no enfrentamento dos problemas sociais da época, na defesa dos direitos e das liberdades individuais. No entanto, descuida de apresentar uma perspectiva em teoria pura da contribuição desse autor, como usualmente se faz em cursos de HPE. Por exemplo, a importância do fator tempo como elemento fundamental na realização do processo de equilíbrio, a ideia de análise por prazos, a metáfora da tesoura mostrando o papel da oferta e da demanda na determinação dos preços e outras contribuições do célebre economista.¹⁰ O livro de Nasar, nessa e em outras passagens, via de regra, não se concentra em uma exposição da evolução das teorias econômicas, das questões mais internas, as técnicas e os conceitos teóricos. Isso se explica porque a obra, de fato, não pretende ser um livro-texto de HPE, mas uma história viva dos dramas econômicos e do impacto das ideias dos economistas no debate político de suas épocas.

De modo muito bem-vindo, ela introduz, com uma ênfase até então não muito comum em livros de história do pensamento econômico, a descrição da vida e da contribuição ao debate político e econômico do começo do século passado da *socialite*, filha de um magnata do transporte ferroviário, que se tornou socialista fabiana, Beatrice Webb. Descreve com certa malícia os envoltimentos afetivos com Herbert Spencer e o influente político Joseph Chamberlain. O leitor fica na torcida para que o romance de Beatriz com o político dê certo, mas o fracasso, nesse sentido, é recompensado pela união amorosa bem-sucedida dela com o pensador socialista Sidney Webb. O livro retrata, em cores vivas, o envolvimento da economista com os podres, e seus esforços ao escrever em defesa da melhoria das condições de vida deles. Narrando sua trajetória intelectual e acadêmica, mostra como ela se aproximou da defesa da ideia de estado do bem-estar social, como um antídoto às desigualdades.

No penúltimo capítulo do primeiro ato, entra em cena a figura de Irving Fisher, o brilhante economista americano. E assim lhe faz grande justiça. Um tanto negligenciado em livros de HPE, de fato, Fisher se afigura um dos maiores economistas de todos os tempos. Além de fazer justiça, a entrada de Fisher serve também para que se aprofunde no livro outro tema, além da questão da pobreza e das possibilidades futuras de melhoria das classes operárias, a questão das flutuações econômicas e de como as políticas públicas podem contribuir para atenuá-las. Em particular, narra-se as ideias e o papel dele no debate sobre política monetária, de que modo o controle da oferta de

moeda poderia contribuir para atenuar as fases recessivas do ciclo econômico.

A importância do dinheiro na economia também foi estudada por ele no que tange ao impacto inflacionário e deflacionário da moeda, às ilusões que a moeda oferece a investidores e consumidores. Além de teórico da moeda, Nasar conta que Fisher atuou como empresário, esperava fazer fortuna com seu invento, um arquivo rotativo chamado Rolodex. Descreve também diversos hábitos excêntricos do personagem, sua fama crescente como economista e seu fracasso financeiro na vida pessoal, em que perdeu muito dinheiro em apostas de que a crise na bolsa de valores em 1929 jamais ocorreria.

Fisher acreditava que o livre mercado seria um prerequisite para a prosperidade. Em adição, também aceita que o funcionamento dele poderia ser melhorado com a ação governamental, principalmente, por uma política monetária esclarecida, praticada pelo banco central.

Na última cena, do primeiro ato, aparece Joseph Schumpeter, que voltaria a atuar no segundo ato.¹¹ O economista austríaco é descrito como um político improvável, de início aparentemente fadado ao fracasso, mas que se mostrou brilhante. Após se formar na Universidade de Viena, vivendo temporariamente na Inglaterra, ele teve contato pessoal com Marshall, do qual absorveu algumas ideias, por exemplo, a crença de que as instituições, a tecnologia e o comportamento humanos não são fixos. A viagem seguinte à África, em companhia da jovem esposa, ajuda-o a pensar nos problemas de desenvolvimento econômico, especialmente na estadia no Egito. Nasar descreve a vida no Egito e seus problemas econômicos com notável vivacidade. Após o pânico financeiro internacional de 1907, com grandes repercussões nesse país, Schumpeter abandona-o. De volta à Áustria, atua como advogado e administrador de investimentos. Então, elabora sua teoria do desenvolvimento econômico.

Nesse tempo, ele havia concebido uma inovadora visão do capitalismo, em que o funcionamento normal é circular, e não de crescimento; em que o crescimento, longe de ser um estado normal do sistema, ocorre por meio de rupturas, que ele classifica de processo de destruição criadora. Nasar assevera que Schumpeter, atrás de uma teoria do desenvolvimento econômico, queria substituir a abordagem estática da economia pela teoria dinâmica. Como Marx, ele buscou importar para a economia ideias vindas da biologia de Darwin. Em 1911, ele termina de escrever o texto de *A teoria do desenvolvimento econômico*. Em 1913, recebe um convite para passar uma temporada na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Rompe seu casamento e se estabelece por lá. Faz sucesso entre os americanos. Regressaria a Viena apenas

10 Ao contrário, tais abordagens da contribuição teórica de Marshall estão presentes no livro de Heilbroner. Solow (2011) critica *A imaginação econômica* em suas 33 páginas que trata de Marshall, devido a autora dedicar-se apenas nas últimas poucas páginas à apresentação das ideias contidas nos *Princípios de economia*. Deste modo, ela pouco exhibe ao leitor a riqueza do conteúdo intelectual do legado do professor de Cambridge.

11 Nersesian (2011) comenta que, em *A imaginação econômica*, Marshall, Keynes e Schumpeter são retratados como heróis.

em agosto de 1914.

No segundo ato, caracterizado como terror, aparecem as sucessivas crises econômicas e políticas que solaparam as crenças na economia de mercado anteriormente reforçadas nas teses de Marshall, dos salários aumentando com o crescimento da produtividade, nas políticas de amparo social defendidas por Beatriz Webb, na eficácia da política monetária em combater a recessão em Fisher e na tese do desenvolvimento econômico trazido pela inovação em Schumpeter. Algo tinha dado errado no sistema de liberdade econômica e o que se segue, nos capítulos desse segundo ato, é a tentativa de explicar e remediar as ineficiências da combalida economia de mercado. Schumpeter entra em cena, agora, no contexto da crise econômica do pós-Primeira Guerra Mundial.

Nasar narra as desventuras dele como ministro das finanças da Áustria, que, tendo sido recrutado pelo governo socialista para ajudar a evitar a fome em massa, havia falhado em administrar a crise econômica e social de Viena após a Grande Guerra. Contudo, o livro não se detém apenas no administrador público fracassado, mostra um Schumpeter sedutor, *bon vivant*, mulhengo e colecionador de cavalos puro-sangue. De muitas conexões sociais, ele havia conseguido o cargo na presidência de um lucrativo banco que o permitia financiar seus hábitos excêntricos e onerosos. A autora conta que a vida de ostentação do austríaco se encerra com a falência do banco na crise econômica de 1929.

Ganha novos adeptos a tese de que o governo, em tempo de crise, deveria entrar administrando a economia de mercado. John Maynard Keynes aparece na narrativa como o economista que conferiu amplo embasamento teórico ao papel necessário do governo na gestão de uma economia desse tipo, especialmente, em momentos de crise. Sendo um bem-sucedido investidor no mercado financeiro, ele mantinha crenças similares às de Fisher, entretanto com o tempo acabou defendendo uma ação governamental mais agressiva do que a imaginada pelo economista americano. Com efeito, Keynes, mais do que os economistas que o antecederam, conferiu uma abordagem sistemática à visão da economia, em que as variáveis psicológicas desempenham papel fundamental. Assim, elementos como incerteza e irracionalidade entram de modo decisivo na estrutura dos modelos econômicos. Política monetária apenas reativa e busca de orçamento equilibrado não seriam os antídotos para a grave depressão econômica.

Nasar oferece uma minuciosa descrição da trajetória de Keynes, da sala de aula na graduação em Cambridge ao grupo de amigos no círculo de Bloomsbury, passando pelos salões das negociações em Versailles até o grande encontro que selou o acordo de Bretton Woods. As cenas descritas são impactantes. Mostra um Keynes elegante hospedado no hotel Majestic de

Paris como representante do tesouro inglês nas discussões em Versailles e, depois, sua indignação com a atmosfera caótica que prevalecia na conferência e a indiferença dos participantes ao sofrimento dos povos europeus, e, ao fim, a carta escrita por ele ao primeiro-ministro inglês Lloyd George, na qual se desliga da delegação britânica dizendo que a batalha já estava perdida. Vinte anos depois, Nasar volta a enquadrar Keynes envolvido em altas negociações entre Estados nacionais, agora cruzando o Atlântico a bordo do *Queen Mary* em direção a New Hampshire para as negociações de Bretton Woods, e lendo, na viagem, *A república* de Platão e o livro *O Caminho da Servidão* de seu amigo e oponente intelectual dos anos 1930, F. A. Hayek.

Nasar retrata o monumental intelecto de Keynes, sua inclinação pelas artes e pela beleza, e até secretas perversões íntimas. A descrição da amizade entre Keynes e Hayek chega a surpreender levando-se em conta que este havia sido o paladino da livre economia e tido como um de seus maiores adversários intelectuais. Ambos se respeitavam muito, ao contrário do anedotário que se criou das controvérsias entre um e outro. Boa percepção da autora reforçada em vasta documentação.

Hayek, portanto, também contracenava nesse segundo ato. Ele é descrito como um competente funcionário do Instituto de Previsões Econômicas, fundado por Ludwig von Mises, que se mudou para a *London School of Economics* nos anos 1930 e tornou-se um crítico da intervenção econômica dos governos e cético de que os economistas possam fornecer a solução aos problemas econômicos. Curiosamente, entretanto, Nasar narra em seu livro que em meados dos anos 1940 ele e Keynes chegaram a concordar em algumas prescrições para a economia.

Até a narrativa sobre Keynes, Nasar segue a pegada de Heilbroner, que para por aí, e também dos mais tradicionais livros de história do pensamento econômico. Porém, com a saída de cena deste grande pensador, ela começa uma seleção de economistas mais modernos que aparecem como escolha sua. Há muitos grandes economistas que apareceram nos últimos oitenta anos, de modo que a escolha de um punhado deles irá depender da inclinação do historiador. Ao final do segundo ato, Nasar seleciona falar da discípula de Keynes, Joan Robinson, e de Milton Friedman. No terceiro e derradeiro ato, em que retrata o mundo atual com a difusão de ganhos econômicos, além de se voltar novamente a Keynes e Hayek, dedica-se a narrar as contribuições de Paul Samuelson, novamente Joan Robinson em cena, e por fim, o indiano ganhador do prêmio Nobel, Amartya Sen. No entanto, poderia, nesse ato final, ter falado de John Hicks, Kenneth Arrow, Gerard Debreu, Robert Barro, Gary Becker e Von Mises que a escolha não seria menos representativa.¹²

12 Nos três atos do livro, também aparecem personagens secundários que apenas contracenam, como Lionel Robbins, Bertrand Russell, Mary Paley e Ludwig Wittgenstein. Ludwig von Mises lamentavelmente ficou de fora. Em termos espaciais, a autora aborda pensadores da economia radicados em Londres a partir dos anos 1840, ou que se moveram para lá vindos da Áustria, e que depois se mudaram para os Estados Unidos. Termina na Calcutá do século XX. (NERSESIAN, 2011).

Como drama, a história perde seu apelo no terceiro ato. A lamentável ilusão de Robinson em ver algum humanismo e decência nas políticas totalitárias de Stalin e Mao só serviu para mostrar que, muitas vezes, grandes teóricos perdem todo o senso de realidade, e bem poderia ser deixada de lado, mas a economista é salva por sua contribuição à teoria da concorrência imperfeita. Friedman aparece no contexto da contrarrevolução que se opôs às ideias de Keynes. Contudo, Nasar se concentra mais em apresentar o jovem Friedman como *burocrata do New Deal, o oficial do tesouro que fazia a revisão das alíquotas de imposto de modo a corrigi-las pela inflação, e não o apóstolo do livre-mercado que caracterizaria o pensador maduro*. Contrariando, mas enriquecendo a visão comum que se tem do grande economista liberal da Universidade de Chicago, concentra-se no apoio que havia dado à expansão do papel do governo na gestão de Roosevelt.

A apresentação de Amartya Sen, o mais brilhante aluno de Joan Robinson, é muito boa. Descreve quando ele apoiou as ações do primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, em adotar uma economia de planejamento central no estilo soviético e como Sen foi levado a abandonar tal estratégia de gestão intervencionista na economia. A incursão do indiano no campo da filosofia moral é descrita de modo primoroso. Sen pôde associar governos autoritários à fome, e de modo original teorizou como a liberdade impacta o padrão de vida das pessoas, especialmente, dos mais pobres. Em sua teoria geral do bem-estar, conta a autora, Sen propôs uma teoria que tenta integrar a preocupação do economista à tradicional preocupação dos filósofos com os direitos individuais e a Justiça. Percebe então que a liberdade e não a opulência seria a verdadeira medida de uma boa sociedade. Ponto para a autora!

2.4 Crítica: a atualidade da obra

De fato, o talento literário de Sylvia Nasar acabou contando mais que a habilidade em discorrer sobre a evolução das teorias econômicas. Fica evidente que lhe falta maior conhecimento de economia, a fim de levar a cabo a empreitada. Como observa Robert Solow (2011), em sua resenha crítica, não se trata de um livro de HPE tradicional, como o de Deane (1980), que explore a evolução das ideias econômicas. Nasar oferece, mais propriamente, “muitos detalhes biográficos fascinantes sobre uma série de economistas interessantes e ainda mais sobre o cenário político, financeiro e econômico em que eles se movimentam. Nasar passa muito mais tempo no papel público dos sujeitos do que em seus pensamentos sobre a própria economia”. Para Solow, o livro economiza em conteúdo intelectual. Ele avalia que o *A imaginação econômica* não oferece uma discussão séria das ideias dos

grandes economistas selecionados. Mesmo em Keynes, a quem ela dedica muitas páginas, não consegue apresentar o conteúdo principal e essencial de *A teoria geral dos juros, do emprego e da moeda*, em especial, sua teoria da criação do emprego. A exceção, segundo Solow, ocorre na apresentação de Schumpeter, para ele o ponto alto do livro.

De fato, a ênfase de Nasar recai em discorrer sobre a história de uma ideia. O que a leva a simplificar e idealizar o que seria essa ideia. Diferentemente do título original do livro (“*Grand Pursuit*”), não viceja nenhuma grande perseguição a uma ideia benfazeja no encadeamento histórico da trajetória intelectual dos grandes economistas. De fato, na evolução do pensamento econômico é difícil distinguir a trajetória de uma única ideia central. Muitas questões e problemas chamam a atenção do economista, e a perspectiva histórica do triunfo de uma ideia central é questionável.¹³

Curiosamente, o livro havia sido lançado quando a economia mundial ainda sentia fortemente os efeitos da crise de 2008, época em que a opinião pública mundial não via um triunfo do pensamento econômico. Pelo contrário, na ocasião tinham vindo à tona as debilidades da análise econômica, especialmente, na avaliação de riscos financeiros.¹⁴ Não se podia então proclamar um triunfo das ideias econômicas. E ainda hoje, passados dez anos, em que pese a economia mundial ter se recuperado da crise econômica antes do desastre associado à pandemia atual, e em que pese o efeito acumulado bastante positivo da introdução de práticas capitalistas em países emergentes como Índia e China, não é nada simples caracterizar a trajetória do pensamento econômico como sendo o triunfo de uma visão otimista. A busca, em *A imaginação econômica*, de demonstrar as possibilidades ilimitadas de progresso econômico e social em uma economia de mercado ficam sobrecarregadas com uma profusão de detalhes biográficos muito bem narrados e documentados, mas que embaralham um pouco a narrativa.

Na ocasião do lançamento, em 2011, o tom triunfal, alardeado na obra historiográfica, de que a liberdade individual levaria a uma sociedade de abundância havia sido contestado diante do impacto da crise de 2008, frente ao qual a autora manteve a crença de que o sistema financeiro não iria se colapsar. Nasar estava certa, no sentido de que, de fato, o sistema financeiro se manteve operante e foi capaz de se recuperar do choque, aprender com a lição e aperfeiçoar seus mecanismos de regulação e de segurança. Não houve uma segunda Grande Depressão, mas agora, com a pandemia do Covid, talvez o Mundo venha a conhecer um *déblâche* econômico, que tem mais a ver com biologia do que com economias de mercado.

O livro de Heilbroner foi escrito quando ele ainda era

13 Nasar se propõe a apresentar a história dos grandes teóricos da economia e de suas teorias, contudo, ela é bem melhor em discorrer sobre as biografias pessoais e os respectivos contextos. Sobre a história das teorias, tenta alinhá-las como sendo a trajetória de perspectivas crescentemente alvissareiras. Tal estratégia parece não funcionar muito bem.

14 Na ocasião, falharam as modernas tecnologias de administração de risco e os bancos centrais em sustentar o crescimento econômico de seus países.

doutorando na *New School for Social Research*. O livro rendeu mais de quatro milhões de cópias em sete edições em inglês. Ele entrou como leitura nos programas de cursos de graduação e não saiu mais desses. Claramente, o livro de Sylvia Nasar foi uma tentativa da editora Simon & Schuster de atualizar e suplantando o livro-texto clássico em HPE. De fato, o livro de Nasar não se afigura uma atualização do livro de Heilbroner. A autora tentou ir adiante apresentando autores mais recentes, da segunda metade do século passado, que naturalmente nem aparecem no livro mais antigo. No entanto, a maior parte dos desenvolvimentos teóricos e intelectuais dos economistas desta época mais atual foram ignorados por Sylvia Nasar. De fato, em termos cronológicos seu livro poderia ter ficado mesmo na primeira metade do século XX, como o faz Heilbroner. Isso porque o processo de mudança de inclinação do pensamento econômico de uma explicação fatalista da pobreza à visão redentora de Marshall, Keynes e Schumpeter, concentra-se, de fato, entre 1850 e 1950. É nestes cem anos que se persegue a boa nova de os homens não estarem condenados à miséria.

A extensão da pesquisa para autores mais recentes descoordenou a narrativa. O livro ficou entre a demonstração da tese do crescente otimismo com a economia e uma apresentação ordenada de grandes autores na história do pensamento econômico como nos livros de HPE. De fato, há um problema de direção nos três atos que compõem o filme, o livro. Cinematograficamente, diríamos que houve falhas no roteiro. Alguns capítulos, como o das desventuras de John Robinson com ditadores comunistas, deveriam ter sido cortados na montagem final. Ademais, Nasar falha em estabelecer um vínculo entre os protagonistas.

3 Conclusão

Em que pese isso, a obra é muito boa, de leitura atraente como no velho livro de Heilbroner, e bastante original. No entanto, não teve a mesma precisão do antigo clássico, não o substituiu, nesses últimos anos, nas indicações de leituras dos cursos de graduação. Falta-lhe um foco e isso fica ainda mais evidente ao longo de dez anos desde sua publicação. Não obstante, acreditamos que Sylvia Nasar superou o *A História do Pensamento Econômico* de Heilbroner pelo seu estilo novelístico e suas vívidas imagens, que muito bem descrevem o contexto histórico, em que as ideias econômicas foram produzidas e disseminadas. Além disso, as histórias pessoais de cada economista que adentrou o enredo são contadas de modo muito mais detalhado, com uma carga de pesquisa incomparável, com todo o tipo de interessantes anedotas e escrito em linguagem colorida.

Se *A imaginação econômica* não atingiu o mesmo sucesso de vendas do livro mais antigo, os tempos são outros, a editora está de parabéns por ter realizado um projeto editorial que enriqueceu, sobremaneira, o ensino de história das ideias econômicas e a formação dos alunos de graduação. Passada uma década desde o lançamento, acredita-se que o livro veio mesmo para ficar, embora ainda não tenha desbancado, e nem o fará, a presença da obra de Heilbroner nos programas da disciplina de HPE.

Referências

- COSTA, F.N. Blog Cidadania & Cultura. 2011. Disponível em: <<https://fernandonogueira-costa.wordpress.com/2011/11/04/grand-pursuit-the-story-of-economic-genius/>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- DEANE, P. *A evolução das ideias econômicas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- FEIJÓ, R.L.C. As origens do anticapitalismo no jovem Marx. *J. Pol. Econ.*, v.39, n.4, p.689-709, 2019. doi: 10.1590/0101-31572019-2967.
- FOX, J. How the dismal science stopped being dismal, the New York Times. 2011. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2011/10/09/books/review/grand-pursuit-by-sylvia-nasar-book-review.html>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- GRAY, J. Grand Pursuit: The Story of Economic Genius: the ideological fantasies of modern economics. New Statesman, 2011. Disponível em: <<https://www.newstatesman.com/books/2011/11/economics-ideological-world>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- HEILBRONER, R. *A História do pensamento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- LOWENSTEIN, R. Book review: Grand Pursuit: The Story of Economic Genius by Sylvia Nasar. Bloomberg Businessweek, 82011. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/news/articles/2011-09-08/book-review-grand-pursuit-the-story-of-economic-genius-by-sylvia-nasar>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- NASAR, S. *A Imaginação Econômica: gênios que criaram a economia moderna e mudaram a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NASAR, S. *Uma mente brilhante*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- NERSESIAN, R. Grand Pursuit: the story of economic genius. *New York J. Books*, 2011
- PEARLSTEIN, S. Grand Pursuit: the story of economic genius, by sylvia nasar. *Washington Post*, 2011. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/entertainment/books/grand-pursuit-the-story-of-economic-genius-by-sylvia-nasar/2011/08/23/gIQRvJUK_story.html>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- SCHUMPETER, J.A. *História da análise econômica*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- SOLOW, R. Working in the Dark. The New Republic. 2011. Disponível em: <<https://www.nyjournalofbooks.com/book-review/grand-pursuit-story-economic-genius>>. Acesso em: 3 ago. 2021.